



**ANAIS**

**X Seminário Internacional Práticas Religiosas no Mundo  
Contemporâneo**

**IX Colóquio Nacional Cultura e Poder**

**VIII Seminário de Pesquisas do Laboratório de Estudos  
sobre Religiões e Religiosidades**

**V Simpósio Regional da ABHR/Sul**

**Laboratório de  
Estudos sobre Religiões e Religiosidades (LERR)**

**Universidade Estadual de Londrina (UEL)**

**2023**

**GT-6: Mundo Antigo e Religião**

---

## O MARTÍRIO E MEMÓRIA NA CARTA *MARTYRIUM POLYCARPI*

Diego Henrique Sanches da Silva (UEL-PG) <sup>1</sup>

2

**Resumo:** O presente trabalho tem por objetivo a análise da carta do martírio de Policarpo de Esmirna (*Martyrium Polycarpi*), onde o martírio apresenta-se como fenômeno de tipo religioso, historicamente delimitado, com toda a sua carga simbólico-sagrada. O martírio, como experiência religiosa própria do cristianismo nascente, dos séculos I e II d.C., constituirá um verdadeiro ideal de vivência daquela fé; demarcará o “ethos” cristão das primeiras comunidades; sacralizará a figura do mártir e criará “lugares de memória” e do sagrado. O *Martyrium Polycarpi*, escrito em forma epistolar, descreve um martírio “segundo o Evangelho” (Mart. Poli., 1,1), ou seja, suas partes e detalhes estão repletos de referências às escrituras neotestamentárias. Ele também se reveste do sentido do sagrado, pois assim que o martírio se cumpre, as perseguições ao grupo cessam, como se o fato religioso possuísse uma “Potência” capaz de aplacar a fúria dos perseguidores e restabelecer a paz na comunidade dos crentes.

**Palavras-Chaves:** Cristianismo primitivo. Martírio. Memória. Sagrado.

### O MOVIMENTO CRISTÃO PRIMITIVO ENTRE A MEMÓRIA E O SAGRADO

No período entre o governo de Nero (54-68 d.C.), com a primeira perseguição romana aos cristãos, e o edito de Milão de 313 d.C., promulgado por Constantino, conferindo a eles total liberdade de culto, o mundo romano passou por profundas modificações em suas fronteiras: territoriais e culturais. O movimento cristão atravessaria a história do Império e a cindiria em um antes e um depois com o predomínio da religião originada entre pescadores e homens comuns da Palestina romana.

Reconstruir uma história dos cristãos no Império Romano como comunidade primitiva em processo de organização e formulação de suas instituições – hierarquia eclesiástica, doutrina, moral, escrituras sagradas – nunca será uma tarefa fácil tampouco esgotável numa única teoria ou abordagem.

O movimento de cunho religioso e messiânico dos seguidores de Jesus Cristo surgiu internamente ao judaísmo e emergiu em meio à cultura greco-romana, onde cresceu fixando sua expressão cultural própria e, para tal, elaborou seus “lugares de memória” e imprimiu o

---

<sup>1</sup> Licenciatura em História. Mestrando em História Social (UEL). E-mail de contato: [sanches.88@hotmail.com](mailto:sanches.88@hotmail.com)

sentido do sagrado a algumas estruturas básicas do seu *modus vivendi*.

A memória foi, de fato, aspecto primordial para a consolidação da identidade de grupo do movimento cristão em seus primeiros anos de vida, na medida em que a crença em Jesus como o Messias de Israel era ainda transmitida oralmente e a sua vida e os eventos iniciais do movimento ainda não haviam sido eternizados na escrita. Com efeito, o processo de transformação das narrativas orais sobre Jesus em textos ocorre apenas a partir da década de 60, quando da morte dos membros daquela primeira geração que fora testemunha de sua vida e, principalmente, após a destruição de Jerusalém e do Templo pelos romanos em 70 d.C. (SELVATICI, 2006, p. 02).

3

Na sua construção cultural dos primeiros séculos esse grupo religioso, ainda na sua idade inicial, logo implementou o sentido de sacralidade a algumas de suas vivências comunitárias: como a fração do pão (Eucaristia), a pessoa dos apóstolos (que possuíam poderes taumatúrgicos, cf. At 3,1-10; 9,32-35), os escritos apostólicos (cartas e evangelhos) e o martírio. Todos esses aspectos da vivência religiosa cristã carregarão o sentido do sagrado.

Angela Ales Bello (2018), partindo da fenomenologia de Edmund Husserl e da antropologia da religião de Gerardus van der Leeuw, integrada com a filosofia de Edith Stein, elabora uma fenomenologia da religião muito própria, voltada para o sentido do sagrado dentro do fenômeno religioso. O sagrado, como fenômeno religioso, emerge das experiências vivenciais muito concretas do *homo religiosus*, sejam esses grupos arcaicos (povos originários, p. ex.) ou complexos, como nas religiões históricas (judaísmo, cristianismo, hinduísmo, p. ex.).

Com efeito, o método fenomenológico, esboçado por Ales Bello, ao voltar-se para a experiência sociorreligiosa a percebe como uma experiência humana, ou seja, totalmente antropológica e que pode e deve ser investigada a fundo nos seus sentidos e nas suas estruturas, isso por meio de uma individuação do terreno da experiência religiosa, revelando, assim, as suas características essenciais (ALES BELLO, 2018).

Desta forma, no presente trabalho a partir das fontes cristãs dos chamados “Padres Apostólicos”, escritas nos séculos I e II d. C., com especial atenção à carta do martírio de Policarpo de Esmirna (*Martyrium Polycarpi*), como o mais antigo documento escrito sobre o martírio cristão, pretende-se analisar o martírio como fenômeno de tipo religioso, historicamente delimitado, com toda a sua carga simbólico-sagrada.

Num primeiro momento, o termo mártir, para os cristãos, está ligado essencialmente a um testemunho da vida, paixão, morte e ressurreição de Jesus Cristo, sem, contudo, sofrer

---

uma identificação entre este e aquele.

Isso modifica-se em meados do século II d.C.,

A partir do *Martyrium Polycarpi* assistimos a uma interessante evolução teológica [simbólica] sobre o martírio. A nova acepção da palavra mártir é agora aplicada a Cristo e daí tem início uma primeira reflexão autêntica sobre os mártires, que são vistos como testemunhas da caridade perfeita, a exemplo de Cristo (FISICHELLA, 1994, p. 571).

O *Martyrium Polycarpi* configura-se como um documento de gênero epistolar do séc. II, provavelmente escrito por volta de 156 d.C., muito próximo do evento que ele pretende informar: a perseguição e o testemunho (martírio) de onze cristãos da Filadélfia e do idoso bispo de Esmirna, Policarpo.

Aparentemente, inicia-se a partir deste texto, portanto, uma elaboração teológico-simbólica do movimento cristão sobre o martírio, elaboração esta que entendemos enquadrar-se como a formulação de um “lugar de memória” cristão primitivo, com a força dos “lugares refúgio, o santuário das fidelidades espontâneas e das peregrinações do silêncio”, ou seja, “o coração vivo da memória” (NORA, 1993, p. 26).

Pierre Nora (1993, p. 26) opõe esses “santuários das fidelidades espontâneas” que surgem dos grupos dominados aos “lugares dominantes” espetaculares e triunfantes, frios e “geralmente impostos” sempre de cima, que se não fossem mantidos pelo poder da autoridade dominante não sobreviveriam na história.

O martírio, como experiência religiosa própria do cristianismo nascente, dos séculos I e II d.C., constituirá um verdadeiro ideal de vivência daquela fé; demarcará o *ethos* cristão das primeiras comunidades; sacralizará a figura do mártir, mas também seus restos mortais e criará “lugares de memória” e do sagrado (NORA, 1993; ALES BELLO, 2018).

O *Martyrium Polycarpi*, escrito em forma epistolar, pretende descrever um martírio “segundo o Evangelho” (Mart. Poli., 1,1), ou seja, suas partes e detalhes estão repletos de referências às escrituras neotestamentárias – especialmente os evangelhos –, bem como a presença de espírito profético – Policarpo, por exemplo, tem uma visão de como seria sua morte e, como uma profecia, ela se cumpre (Mart. Poli., 5,2). Seu martírio também se reveste do sentido sagrado, pois assim que o martírio ocorre, as perseguições ao grupo cessam, como se o martírio possuísse uma “Potência” ou taumaturgia capaz de aplacar a fúria dos perseguidores e restabelecer a paz na comunidade do movimento cristão.

Segundo Ales Bello (2018), toda experiência que se declare religiosa ou que se pretende como uma experiência do sagrado, faz referência a uma “Potência” que é capaz de salvação e redenção, mesmo nas suas formas mais arcaicas. Do contrário, ela não interessaria ao *homo religiosus*, ou seja, ao homem que vivencia o fenômeno religioso, e não seria dotada do sentido do sagrado.

## **A *MARTYRIUM POLYCARPI* NO CONTEXTO DA ÁSIA PROCONSULAR ROMANA**

5

Na ampla e diversificada produção de fontes cristãs sobre o martírio – martirologio romano, atas de martírio, paixões e hagiografia dos mártires – o escrito mais antigo a detalhar o martírio de uma autoridade cristã, datado do séc. II d.C., é a “carta do martírio de Policarpo de Esmirna” (QUASTEN, 2004).

Este documento é o relato circunstanciado mais antigo que existe do martírio de um indivíduo e é considerado, portanto, como a primeira das “Atas dos Mártires”. Contudo, por sua forma literária, não pertence a essa categoria, mas sim, à epistolografia cristã primitiva (QUASTEN, 2004, p. 86). Nossa tradução.

A carta, portanto, é o testemunho documental elaborado mais antigo de um martírio cristão, no caso, o martírio de um líder de uma comunidade cristã local – Esmirna – bastante influente no meio cristão (pois teria visitado Roma e estado com Aniceto, bispo daquela igreja, para tratar sobre a fixação da data da Páscoa) e que teria tido uma ligação direta com discípulos e apóstolos do próprio Jesus (Eusébio, Hist. Ecles., 14, 1-6).

Pelo conjunto de documentos produzidos pelos primeiros cristãos e que sobreviveu até o tempo presente, o movimento cresceu e ganhou rápida presença na região da Ásia Menor, província da Ásia Proconsular romana, ou seja, na região das cidades cujos nomes são familiares aos textos neotestamentários, como: Corinto, Éfeso, Filadélfia, Esmirna e outras (Ap 2-3). Todas relativamente próximas e conectadas ao segundo mais importante centro de irradiação do cristianismo, depois de Jerusalém: Antioquia da Síria, onde os discípulos de Jesus foram pela primeira vez chamados “cristãos” (At 11,26).

Muito do nosso conhecimento da vida primitiva e do crescimento das igrejas nesta região vem das cartas que eram enviadas e que circulavam entre as igrejas. As primeiras foram as cartas de Paulo, dirigidas a determinadas igrejas e depois reunidas num primeiro cânon cristão. Após a morte de Paulo, seus seguidores continuaram a fazê-las circular e lê-las. As estruturas institucionais e as redes interpessoais refletidas nessas cartas, e nas cartas pastorais e mesmo no Apocalipse de João foram os fundamentos para um movimento duradouro. No século II essas estruturas e redes estavam firmemente plantadas nas igrejas do mar Egeu e pela Ásia Menor afora (IRVIN; SUNQUIST, 2004, p. 96).

Nesse sentido, o contexto sociopolítico e religioso da Ásia Menor assume grande importância no desenrolar deste trabalho. Essa porção do território romano, além de possuir fortes raízes helênicas, também é a região de passagem entre o mundo greco-romano do mediterrâneo e o oriente próximo e abertura para a mesopotâmia e o extremo oriente.

No mesmo espaço geográfico da Ásia Menor, se desenvolveu uma forte cultura da prática de culto aos governantes. Iniciada no processo de dominação grega por Alexandre o Grande no séc. IV a.C., essa prática foi continuada nos séculos III e II a.C. pelos governantes selêucidas e ganhou um novo reforço com a dominação romana:

Sob o domínio romano, a prática de culto aos governantes como forma de retribuição (e novos pedidos) às benesses por eles concedidas já se tornara tradicional nas cidades da Ásia Menor. Assim, no início do regime do Principado em 27 a.C., quando o senado romano conferiu a Otávio o título de Augusto – o “agraciado pelos deuses” –, rapidamente se desenvolveu o culto à figura imperial do *princeps*, desta vez não como iniciativa dele, mas como iniciativa das próprias cidades da Ásia Menor, agora agrupadas em regiões maiores (antigos reinos dissidentes do grande reino selêucida) e transformadas em províncias romanas (SELVATICI, 2015, p. 55).

O surgimento de um grupo de pessoas, aglutinadas ao redor de um movimento religioso novo e em formação, que recusava prestar o referido culto aos governantes bem como aos demais deuses do panteão romano, certamente despertava interesse de ordem negativa e refratária, especialmente nas elites governantes cujo poder era em parte assegurado por essa ordem político-religiosa.

Espalhados em pequenas comunidades pelo mundo mediterrâneo afora, os cristãos se organizavam ao redor de seus líderes, especialmente os bispos, que embora ainda não tivessem incorporado o modelo de realeza e poder dos magistrados romanos (o que só ocorrerá

---

no Império Cristão pós-Constantino, cf. BROWN, 1989), esses líderes, como Inácio de Antioquia, Policarpo de Esmirna e Irineu de Lion, mantinham o movimento ou igreja unida por meio da pregação e da exortação constante à unidade e a realização de uma solidariedade que extrapolava qualquer origem cultural, étnica ou nacional (IRVIN; SUNQUIST, 2004).

Marginalizados e distantes das estruturas de poder romanas, os cristãos se percebiam como “estrangeiros” (*paroikoi*) no mundo. O próprio Policarpo inicia sua carta aos seguidores de Jesus na cidade de Filipos com essa expressão: “à Igreja de Deus que vive como estrangeira (*paroikoi*) em Filipos” (Seg. Carta aos Filip., 1,1). Também Clemente de Roma, ao escrever aos coríntios, se utiliza do mesmo termo (*paroikoi*).

Se auto identificando como estrangeiros, sem pátria e sem nação, os cristãos dos primeiros séculos se viram impulsionados em demarcar suas fronteiras e sua memória cultural, como forma de sobrevivência frente a uma realidade que por vezes mostrava-se hostil.

Os cristãos, em seu próprio culto, não mantinham rituais sacrificiais, e se recusavam a fazer qualquer tipo de homenagem ao imperador e, por isso, se tornavam alvo das denúncias dos provinciais e, conseqüentemente, da punição das autoridades romanas (SELVATICI, 2015, p. 63).

Quanto ao império, o século II marcou o apogeu romano. O século da dinastia Antonina (de Trajano a Marco Aurélio) é visto como uma época dourada do governo de Roma. Enquanto o aparato governamental romano vivia seu ponto máximo de estabilidade, riqueza e poder, o movimento cristão enfrentava suas primeiras perseguições (sob o governo dos imperadores Nero, Trajano, Adriano, Antonino Pio e Marco Aurélio), e os judeus se viram absorvidos nas guerras judaicas de 66 a 73 d.C. (com destruição do Templo por Tito no ano 70), e na de 132 a 135 d.C., sob a liderança carismática de Bar Kochba, duramente reprimida pelo imperador Adriano (BIRLEY, 2005).

Assim, o cristianismo mais marginal e vulnerável adotou uma resistência de tipo pacífica, não opondo força aos seus perseguidores. Policarpo, mesmo, em sua carta aos cristãos de Filipos exorta para que aquela comunidade reze “pelos reis, autoridades e príncipes, pelos que vos perseguem e vos odeiam” (Filipenses, 14).

No curso dos acontecimentos, alguns, não poucos na verdade, optaram por uma vivência menos conflitiva com os romanos e, por vezes, cederam às autoridades aceitando sacrificar aos deuses e à pessoa do imperador – os chamados *lapsi* (caídos). Esses cristãos, que

optaram por sacrificar aos deuses teriam sido, segundo Gilvan V. Silva (2006), um número muito maior do que o dos mártires e resultariam num importante conflito interno no movimento cristão no sec. III d.C.

De outro lado, uma parte do movimento cristão, como o grupo liderado por Policarpo de Esmirna, era cada vez mais aglutinado pelo ideal de martírio que, como fenômeno experiencial do sagrado, colaborou para a constituição de uma memória viva do movimento.

Nesse contexto se inserem os textos dos “padres apostólicos”, ou seja, líderes cristãos – bispos – que documentaram por meio de cartas que circulavam pelas diferentes comunidades, sempre com sentido exortativo para guardarem a fé recebida dos apóstolos, imitarem Jesus Cristo, serem obedientes às autoridades (eclesiais e até mesmo as romanas), manterem a unidade e terem a coragem dos mártires, ou seja, testemunharem sua crença na figura messiânica de Jesus até a morte.

## O MARTÍRIO COMO EXPERIÊNCIA DO SAGRADO

Com efeito, o martírio passa a ser analisado dentro da sua formulação histórico-cultural como uma experiência do sagrado, ou seja, uma vivência concreta do grupo dos cristãos dos primeiros séculos, e que se tornou tão forte, tão marcante dentro da dinâmica comunitária do grupo, que essa experiência imprimiu no mundo romano um “lugar de memória” cristão, que o separou das suas origens judaicas e marcou diferenciação com o seu meio greco-romano.

O martírio surge no movimento cristão como uma experiência profunda do Deus revelado no messias cristão: Jesus Cristo. Sua ocorrência torna-se como um demarcador do grupo frente aos judeus e os gentios adeptos do politeísmo tradicional.

Embora o culto dos mártires fosse praticado pelos seguidores de Jesus desde o século II d.C., foi somente nos séculos III e IV que ele ganhou uma importância que chegaria a causar contendas até mesmo entre os grandes padres da Igreja, como Agostinho de Hipona que por um bom tempo combateu o referido culto até se render a ele (ELIADE, 2011).

Todavia, até o século III o martírio e a figura do mártir ainda não possuíam uma grande elaboração teológica, ela era mais uma experiência concreta da vivência religiosa dos primeiros cristãos, para os quais:

Os mártires tinham transcendido a condição humana; imolados a Cristo, eles estavam ao mesmo tempo junto de Deus, no Céu, e aqui na Terra. Suas



reliquias incorporavam o sagrado. Não somente os mártires podiam interceder junto a Deus – eram seus “amigos” –, como também suas reliquias eram suscetíveis de produzir milagres, asseguravam curas extraordinárias (ELIADE, 2011, p. 59).

Assim, o primitivo culto dos mártires foi, antes, um delimitador de suas fronteiras culturais e cultuais, bem como um “fazer memória” desses “heróis” da fé e de seus martírios, conferindo-lhes um profundo sentido simbólico e sagrado, característico da memória viva de um grupo marginal e dominado (NORA, 1993).

Dentre outros aspectos relevantes – como a definição do cânon das escrituras cristãs e a hierarquização da igreja, por exemplo – o martírio se destacou desde muito cedo dentro do movimento, configurando um ponto de convergência interna (os mártires e o martírio reúnem a comunidade cristã) e de diferenciação externa com relação ao judaísmo e ao paganismo (o martírio diferencia os cristãos dos demais).

Pode-se perceber esse movimento diferenciador, por exemplo, na descrição do martírio de Policarpo:

Vendo a rixa suscitada pelos judeus, o centurião colocou o corpo no meio e o fez queimar, como era costume. Desse modo, pudemos mais tarde recolher seus ossos, mais preciosos do que pedras preciosas e mais valiosos do que o ouro, para colocá-los em lugar conveniente. Quando possível, é aí que o Senhor nos permitirá reunir-nos, na alegria e contentamento, para celebrar o aniversário de seu martírio, em memória daqueles que combateram antes de nós, e para exercitar e preparar aqueles que deverão combater no futuro (Mart. Poli.,18).

Pensando na sacralidade dos objetos, verifica-se, na fenomenologia da religião, que o sagrado não provém do objeto como um acréscimo, ela faz parte da constituição essencial do objeto e “são estimados como particularmente preciosos”, uma vez que o “sagrado é potente e excepcional” (ALES BELLO, 2018, p. 53). Em outras palavras, o sentido do sagrado não é acrescentado ao objeto, ao contrário, é o objeto que é sagrado na sua constituição mais essencial.

Selvatici (2015, p. 51), ao analisar a obra de Larry W. Hurtado, salienta que para ele, o processo de “devoção cúltrica” a Jesus Cristo nos primeiros séculos do movimento cristão, “teve um crescimento rápido e notável em razão das fortes experiências religiosas dos fiéis”.

Os cristãos das primeiras horas, na sua vivência concreta da sua prática religiosa,

logo viram nos restos mortais do mártir o sagrado em si e os guardaram como algo mais precioso que o ouro e as pedras preciosas (Mart. Poli. 18, 2).

A carta do martírio de Policarpo teria sido escrita pouco tempo após a morte do bispo de Esmirna, por volta de 156 d.C., destinada à comunidade de Filomélio, na Frígia, ela narra com brevidade o martírio de onze cristãos da Filadélfia e com mais detalhes o de Policarpo, ocorrido durante o reinado do imperador Antonino Pio (ROPERO, 2004).

Em linhas gerais, além de relatar a conduta exemplar de dez, dos onze jovens da Filadélfia que sofreram o martírio, em sua maior parte o texto epistolar desenvolve o martírio do bispo octogenário de Esmirna, pois Policarpo contaria com 86 anos quando da sua execução, sofrida destemidamente e segundo a “vontade de Deus” (Mart. Poli. 2,1).

Cristãos e judeus enfrentaram, de alguma forma, a dominação romana que, por vezes, se endurecia. Ambos os grupos necessitaram impor alguma resistência e organização própria frente ao domínio romano. Ambos se aglutinaram em torno de algum elemento. No caso judaico a Lei mosaica sintetizada na Torá, o rabinato emergente após o sínodo organizado ao redor da escola rabínica de Jamnia em 90 d.C., e a resistência armada nos momentos em que a dominação se tornava insustentável, como quando Adriano quis transformar Jerusalém numa cidade totalmente helenizada, modificando-se até mesmo seu nome para Aelia Capitolina, o que desencadeou a terceira guerra judaica (132-135 d.C.), sob a liderança de Bar Kochba (BIRLEY, 2005).

Os cristãos, por sua vez, sofreram o martírio. Não se encontra no movimento cristão primitivo qualquer sinal de resistência violenta. Sua escolha, moldada pelos ensinamentos das escrituras neotestamentárias, cujo cânon estava ainda em formação, foi pela entrega livre e pacífica frente às autoridades romanas.

A teologia paulina será particularmente sensível em unificar apostolado e missão evangelizadora e aceitação do sofrimento (cf. Rm 6, 4-15; Gl 5, 16-25; 1Cor 6,11; 10,31; 13, 4-7; 2Cor 5, 14-15; 1Tm 6,12). (FISICHELLA, 1994, p. 571).

Policarpo e os onze mártires da Filadélfia morrem para dar testemunho de Jesus e imitar a sua Paixão, de tal forma que seu martírio foi “segundo o Evangelho” (Mart. Poli., 1,2) e com seu sacrifício fez cessar a perseguição contra a comunidade (Mart. Poli. 1,1). Durante todo o processo a conduta do mártir é descrita como modelo exemplar: rezou por toda a igreja,

testemunhou a fé em Jesus Cristo, recusou a oferta de escapar do martírio oferecido pela autoridade perseguidora e adentrou no martírio com a coragem daqueles que “já não eram mais homens, mas que já eram anjos” (Mart. Poli. 2,3).

Essa experiência do martírio, portanto, é descrita como uma experiência ou vivência do sagrado. Ela recebe, da comunidade dos seguidores de Jesus Cristo, a força típica das experiências sagradas, conforme as compreende Ales Bello (2018). Nessa força ou “Potência”, é que o martírio se torna um “treino” para “exercitar e preparar aqueles que deverão combater no futuro” (Mart. Poli.,18), ou seja, preparar os futuros mártires.

## CONCLUSÃO

Assim, o presente trabalho, ainda em construção, se propõe a analisar historicamente as formas com que os cristãos elaboraram sua memória cultural e sagrada em relação ao mundo helenístico greco-romano. Tendo por ponto central o fenômeno do martírio, como experiência do sagrado, religiosamente exemplar, constituinte de memória do grupo e distintiva tanto em relação aos romanos como em relação ao judaísmo. Para tal, volta-se o estudo para o período entre os séculos I e II d.C., com foco nas perseguições pelos romanos, apontando o martírio como experiência vivencial religiosa mais característica do grupo cristão, naquele período.

A figura do mártir solidificará a própria imagem do cristão genuíno e heroico, que se configura totalmente a Jesus Cristo por meio do martírio, diferenciando-se dos pagãos, dos judeus, mas também daqueles cristãos que aceitaram oferecer a prova do sacrifício – os *lapsi* – e serem liberados pelas autoridades romanas. O mártir também será a memória viva do grupo, que o une e confere forças para a continuidade do “combate” (Mart. Poli. 18,3), o martírio, portanto, possui uma “Potência”, o que faz dele uma espécie de fenômeno religioso, do tipo sacrificial (ALES BELLO, 2018).

O sagrado dentro do fenômeno religioso quando encarnado no tipo sacrificial adquire, segundo Ales Bello (2018), uma força muito própria e muito dinâmica para o grupo religioso que vive a experiência fenomênica: ele exige a doação total. Não só um aspecto ou parte da oferta deve ser sacrificada, mas toda ela. Assim também o mártir.

Perceber o martírio cristão antigo como espaço de elaboração da memória viva do grupo – que o distingue e produz especificidade cultural – e, ao mesmo tempo, como experiência religiosa do sagrado, na perspectiva fenomenológica da religião, confere

entendimento vivaz ao martírio e a todas as consequências ideais e sagradas que o cristão das primeiras horas do movimento tirou deste fenômeno para o seu *ethos* e a elaboração do seu “ser cristão” no mundo, pelo menos uma das formas de “ser cristão”.

## REFERÊNCIAS

### a) FONTES

**Bíblia de Jerusalém.** São Paulo: Paulus, 2003.

BUENO, Daniel Ruiz. (Org.) **Actas de los Mártires.** Madrid: Ed. B.A.C., 2003.

BUENO, Daniel Ruiz. (Org.) **Padres Apostólicos.** Madri: BAC, 1950.

INÁCIO DE ANTIOQUIA. **Padres Apostólicos.** São Paulo: Paulus, 1997.

PLÍNIO, o jovem. Cartas 10,96. In: FUNARI, P. P. A. **Antiguidade Clássica: a história e a cultura a partir dos documentos.** Campinas: Ed. Unicamp, 2002, p. 91-92.

### b) OBRAS

ALES BELLO, Angela. **O sentido do sagrado: da arcaicidade à dessacralização.** São Paulo: Paulus, 2018.

ALFÖLDY, G. **A História social de Roma.** Lisboa: Editora Presença, 1989.

ALTANER, B. e Stuibler, A. **Patrologia.** São Paulo: Paulinas, 1988.

BERARDINO, Angelo Di. **Dicionário Patrístico e de Antiguidades Cristãs.** São Paulo: Paulus, 2002.

BROWN, Peter. **O fim do Mundo Clássico: de Marco Aurélio à Maomé.** Lisboa: Verbo, 1972.

BROWN, Peter. **The Cult of the Saints.** Chicago: Chicago Press, 1981.

BROWN, Peter. Antiguidade Tardia. In: ARIËS, P.; DUBY, G. **História da Vida Privada: Do Império Romano ao ano Mil.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

CASTELLS, Manuel. **O Poder da Identidade.** São Paulo: Paz e Terra, 2002.

CAVALCANTE, Robinson. **Política e Cristianismo.** São Paulo: Vida, 1996.

CROATTO, S. **As Linguagens da Experiência Religiosa.** São Paulo: Paulinas, 2001.

CROSSAN, J.D. **O Nascimento do Cristianismo.** São Paulo: Paulinas, 2004.

DEHANDSCHUTTER, Boudewijn. **Polycarpiana.** Studies on martyrdom and persecution in Early Christianity. Louvain: Presses Universitaires de Louvain, 2007.

DELEHAYE, Hippolyte. **Les origines du culte des martyrs.** Bruxelles: Bureaux de la Société Bollandiste, 1912.

ELIADE, Mircea. **História das crenças e das ideias religiosas, vol. III: de Maomé à Idade das Reformas.** Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano: a essência das religiões**. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

ELIADE, Mircea. **Tratado de história das religiões**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

FIGUEIREDO, F. A. **Introdução à Patrística**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

FISICHELLA, R. Martírio. In: LATOURELLE, R. **Dicionário de teologia fundamental**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994, p.568-577.

GIANDOSO, Daniel Marques. **O Diálogo com Trifão de São Justino mártir e a relação entre judeus e cristãos (século II)**. 2011. Dissertação (Mestrado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011. doi:10.11606/D.8.2011.tde-19102011-163239. Acesso em: 2023-04-25.

GIANDOSO, Daniel Marques. **A polêmica judaico-cristã nas Atas dos Mártires**. 2016. Tese (Doutorado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016. doi:10.11606/T.8.2016.tde-02122016-135510. Acesso em: 2023-04-25.

GRIMAL, Pierre. **O Império Romano**. Trad. Isabel Saint-Aubyn. Lisboa: Edições 70, 1993.

HAMMAN, Adalbert - G. **Os Padres da Igreja**. São Paulo: Paulus, 1995.

HAMMAN, Adalbert - G. **A vida cotidiana dos primeiros cristãos (95-197)**. São Paulo: Paulus, 1997.

IRVIN, Dale T.; SUNQUIST, Scott. **História do movimento cristão mundial**. São Paulo: Paulus, 2004.

LACAPRA, Dominick. Repensar la historia intelectual y ler textos. In: PALTÍ, Elías José (org.). **“Giro linguístico” y historia intelectual**. Stanley Fish, Dominick LaCapra, Paul Rabinow y Richard Rorty. Buenos Aires: Universidad Nacional de Quilmes, 1998. p. 237-293.

LACOSTE, Jean-Yves. **Dictionnaire Critique de Théologie**. Paris: Presses Universitaires de France, 1998.

LECLERCQ, Henri. **Les Martyrs**. Tome IV. Paris: 1905.

MOHRMANN, Christine. Les orígenes de la Latinidade Chrétienne a Rome. **Vigiliae Christianae**, vol. 3, n. 2, 1949, p. 67-106.

MOMIGLIANO, Arnaldo. **De Paganos, Judíos y Cristianos**. Cidade do México: Fondo de Cultura Económica, 1996.

MOMIGLIANO, Arnaldo et alli. **El Conflicto entre el Paganismo y el Cristianismo em el Siglo IV**. Madrid: Alianza, 1989.

MONDONI, Danilo. **História da Igreja na Antiguidade**. Belo Horizonte: Loyola, 2001.

NORA, Pierre. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. In: Projeto História.

---

**Revista do Programa de Estudos Pós-Graduação em História do Departamento de História da PUC.** São Paulo, 1993.

OTERO, Uiara B. Os Mártires. **Revista GAIA do Laboratório de História Antiga da UFRJ.** Rio de Janeiro: Gráfica da UFRJ, ano I, nº 1, 2000. pp. 106-126.

OTERO, Uiara B. A experiência do martírio para homens e mulheres cristãos entre os séculos II e III d.C. **Anais Eletrônicos - Ciclo de Debates em História Antiga**, v. IV, p. 1-11, 2007.

OTERO, Uiara B. Martyrium: a reconstrução da paisagem religiosa no cenário urbano romano. **PHILÍA (UERJ)**, v. 2019, p. 35-43, 2019.

OTERO, Uiara B. *Acta Proconsularia Cypriani*: interditos, processos e “crime religioso” (257-258 E.C.). **Romanitas - Revista de Estudos Grecolatinos**, n. 10, p. 137-153, 30 dez. 2017.

OLIVEIRA, Eduardo Soares de. **A construção da imagem dos mártires nas obras apologeticum e ad martyras de tertuliano: repensando a prática do sacrifício (II-III século d.c.)**. 2009. 134 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2009. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/2367>. Acesso em 2023-04-25.

ROPERO, Afonso. **Lo mejor de los Padres Apostolicos**. Barcelona: Editorial Clie, 2004.

QUASTEN, Johannes. **Patrologia I: Hasta el concilio de Nicea**. Madrid: BAC, 2004.

SELVATICI, Monica. Considerações sobre história, teologia e pós-modernidade: para um estudo do cristianismo antigo. **Revista Phoênix**, Rio de Janeiro, 11, 2005, p. 188-195.

SELVATICI, Monica. **Os judeus helenistas e a primeira expansão cristã**: questões de narrativa, visibilidade histórica e etnicidade no Livro dos Atos dos Apóstolos. Campinas, SP: [s. n.], 2006a.

SELVATICI, Monica. O martírio de Estêvão e a comunidade cristã de Jerusalém: a questão da memória no relato historiográfico de Atos dos Apóstolos. **Oracula - Revista Eletrônica do Grupo Oracula de Pesquisas em Apocalíptica Judaica e Cristã da Universidade Metodista de São Paulo**, São Bernardo do Campo, v. 3, p. 1-11, 2006b.

SELVATICI, Monica. Identidades religiosas no mundo romano: o caso de judeus e cristãos na Ásia Menor dos séculos I e II d.C. **Antíteses (Londrina)**, v. 8, p. 50-70, 2016.

SILVA, Gilvan V. A Relação Estado/Igreja no Império Romano. In: SILVA, G. V.; MENDES, N. M. (org). **Repensando o Império Romano**: Perspectiva econômica, política e sociocultural. Rio de Janeiro/Vitória: Mauad/EDUFES, 2006. pp. 241-266.

SILVA, Gilvan V.; MENDES, Norma M. (orgs.) **Repensando o Império Romano**: Perspectiva econômica, política e sociocultural. Rio de Janeiro/Vitória: Mauad/EDUFES, 2006.

SIMON, Marcel; BENOIT, André. **Judaísmo e Cristianismo Antigo**. São Paulo: Pioneira, 1987.

STE. CROIX, G. E. M. de. **Christian Persecution, Martyrdom, and Orthodoxy**. Oxford:

---

Oxford University Press, 2006.

VEYNE, Paul. **A Sociedade Romana**. Trad. Carlos Morujão. Lisboa: Edições 70, 1990.

VIELHAUER, Philipp. **Historia de la literatura cristiana primitiva**: introducción al Nuevo Testamento, los apócrifos y los padres apostólicos. Salamanca, Espanha: Ediciones Sígueme, 2003.

TREBOLLE BARRERA, Julio C. **A Bíblia judaica e a Bíblia cristã**: introdução à história da Bíblia. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

ZAMEZA, José. **Roma pagana y el cristianismo: los mártires del siglo II**. Roma: Univ. Gregoriana, 1941.

\* \* \* \* \*